

UMA ANÁLISE DAS AULAS DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA ESTADUAL DUQUE DE CAXIAS

Alison Batista GOMES¹
Glória Maria Gonçalves PEDROZA²
Ilma Marques OBANDO³

RESUMO: Este artigo teve como principal objetivo analisar o ensino de literatura na Escola Estadual Duque de Caxias, desenvolvido no 2º e 3º Ano do Ensino Médio, com o propósito de verificar se os alunos nutrem ou não o gosto pela leitura, além de identificar em qual área da Língua Portuguesa sentem mais dificuldade de aprendizagem. Através disso, percebeu-se que grande maioria dos estudantes não tem o hábito de leitura e pouco entendem sobre o conceito de literatura, uma questão que deixa muito a desejar, pois são alunos do Ensino Médio e deveriam ter conhecimento literário, pelo menos o básico. Como embasamento teórico buscamos relevância nas ideias de ZILBERMAN (2008), AGUIAR e BORDINI (1988), entre outros autores que deram auxílio para o desenvolvimento do *Corpus* deste trabalho. O tipo de pesquisa utilizada foi o método quali-quantitativa, além da bibliográfica. A coleta de dados deu-se através de observações juntamente com a aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas. Espera-se que se tenha um olhar reflexivo acerca do ensino da literatura, despertando em futuros professores a motivação por um ensino diferenciado mais dinâmico e que provoque nos alunos a vontade de aprender literatura por prazer e não por obrigação.

Palavras-chaves: Literatura. Professor. Alunos. Leitura literária.

RESUMEN: El objetivo principal de este artículo fue analizar la enseñanza de la literatura en la Escuela Estatal Duque de Caxias, desarrollada en el 2º y 3º año de bachillerato, con el propósito de verificar si los estudiantes tienen o no gusto por la lectura, además de identificarse en qué área de la lengua portuguesa les resulta más difícil aprender. A través de esto, se notó que la gran mayoría de estudiantes no tienen el hábito de leer y entienden poco sobre el concepto de literatura, tema que deja mucho que desear, ya que son estudiantes de secundaria y deben tener al menos los conocimientos básicos conocimiento literario. Como base teórica, buscamos relevancia en las ideas de ZILBERMAN (2008), AGUIAR y BORDINI (1988), entre otros autores que ayudaron a desarrollar el *Corpus* de este trabajo. El tipo de investigación utilizada fue el método cuali-cuantitativo, además del bibliográfico. La recolección de datos se realizó a través de observaciones junto con la aplicación de un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas. Se espera que haya una mirada reflexiva a la enseñanza de la literatura, despertando en los futuros docentes la motivación por una enseñanza diferenciada más dinámica que provoque en los estudiantes el deseo de aprender literatura por placer y no por obligación.

Palabras-clave: Literatura. Profesor. Estudiantes. Lectura literária.

¹ Acadêmico do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA – alisonbatistagomes@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura, no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA – mariagloria81841@gmail.com

³ Docente do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Mestre em Ciências e Meio Ambiente (UFPA) – ilmaobandotbt@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta cunho investigativo na área do ensino de Literatura, buscando compreender o desenvolvimento desta disciplina no Ensino Médio, se a escola busca incentivar seus alunos e professores, se os mesmos encontram-se em harmonia com a leitura literária, priorizando seus estudos, e definindo sua importância no meio social e escolar. Desta forma, o tema a ser trabalhado volta-se a Literatura no Ensino Médio, cujo título procurou demonstrar de forma clara e concisa o modo como a Escola Estadual Duque de Caxias exerce seu papel de educadora na área de Literatura nas séries finais do Ensino Médio, sabe-se que é obrigação da mesma trabalhar com métodos que desenvolvam o desempenho social do estudante, o qual só será possível através da Literatura, e sua leitura é capaz de desenvolver no sujeito a arte de pensar, criticar e compreender melhor os fatos.

De acordo com AGUIAR e BORDINI (1988):

A literatura é uma prática social tanto para quem escreve quanto para quem lê. Prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa o peculiar da relação do homem e mundo, o modo de ser do homem no mundo (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 23).

O ensino de literatura não envolve apenas a escola, professor e alunos, pois a mesma é algo que se inicia no meio familiar, onde a criança deverá desenvolver o gosto de ler a partir do incentivo dos adultos, a escola e professores se tornam responsáveis apenas para lapidar algo bruto que o sujeito já traz consigo. No primeiro estágio foi observado que os alunos não gostavam de ler, conseqüentemente nenhum dos alunos simpatizavam com Literatura, os demais estudantes estavam no 7º ano, discentes que futuramente iriam para o Ensino Médio. Ao pensar na possibilidade de conflito entre esses alunos, buscou-se investigar como as aulas de Literatura eram desenvolvidas no Ensino Médio, qual métodos os professores utilizam para ministrar essas aulas.

Assim delinearam-se os seguintes objetivos da pesquisa o geral foi: identificar de qual forma o ensino da Literatura é desenvolvido no Ensino Médio. E para compreender este fato foram necessários os seguintes objetivos específicos: analisar se os alunos nutrem ou não o gosto pela leitura; verificar como são desenvolvidas as aulas dos professores de Língua Portuguesa e constatar em qual área da Língua Portuguesa os alunos sentem mais dificuldade de aprendizagem. Para obtenção dos resultados foi utilizado os seguintes métodos de pesquisa: bibliográfica, observação e quali-quantitativa. Como embasamento teórico foi aplicado os fundamentos dos autores Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Maria da Gloria Bordini e Vera Teixeira de Aguiar, esses e os demais autores encontrados no *Corpus* do trabalho tem demonstrado preocupações com o descaso da literatura no ambiente escolar.

O *Corpus* da pesquisa está dividido em duas partes: teorização e análise dos dados. Na fundamentação teórica é apresentado a síntese da história da literatura até sua inclusão como disciplina integrada à língua portuguesa, destacando a relevância da leitura e da importância do trabalho em conjunto entre escola, professor e aluno. Na segunda parte, foram analisados os dados obtidos através dos questionários e observações. Assim sendo, colocamos em questão as seguintes perguntas: os alunos nutrem ou não o gosto pela leitura literária? A escola proporciona eventos que cultivam nos seus alunos e professores o despertar pela literatura?

Diante destes questionamentos, este trabalho pretende compreender e analisar o ensino da Literatura, pois a mesma nos dias atuais não é vista como necessária para construção crítica do aluno e sim como algo obrigatório e superficial, na qual este pensamento gera preocupação com a formação construtiva de conhecimento literário do aluno que está sendo movido pela necessidade de passar de ano e não pelo prazer em aprender.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LITERATURA: UM BREVE PANORAMA

De acordo com o “Dicionário Brasileiro Globo” (1990), a palavra literatura que se originou do latim “*litterae*” que significa letras, pode ser compreendida como “arte de compor obras literárias; carreira de letras; conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época; os homens de letras”.

A literatura brasileira está totalmente vinculada à literatura portuguesa, tudo porque ela nasce a partir de escritores viajantes e missionários europeus, poderia se dizer que a primeira obra literária no Brasil foi a Carta de Achamento, que ganhou destaque como o primeiro documento literário, escrita por Pero Vaz de Caminha, que relatava cada detalhe da nova terra, a mesma retratava principalmente o modo como Caminha contemplava a variedade da flora tropical e como descreve os povos indígenas (LEITE, 2002, p. 195).

As primeiras obras literárias foram trazidas pelos Jesuítas no século XVI, que eram utilizadas na catequização dos índios, elas não eram vistas como um objeto de pesquisa e sim como um elemento para ensinar os nativos a língua padrão. Os mesmos foram responsáveis por instalar as primeiras escolas no Brasil, porém com a expulsão da Companhia de Jesus no século XVIII, o ensino ao público passou a ser responsabilidade do Estado.

No entanto, só se pode falar de literatura no Brasil a partir do século XIX, o mesmo foi um período de expansão de estéticas e alcance ao público, antes disso, as grandes obras do século XVI, não passavam de meras manifestações literárias. Essa realidade mudou com a

chegada de movimentos como o Neoclassicismo, especialmente, o Romantismo e Indianismo, que ajudaram a formar uma melhor concepção de nacionalismo.

O surgimento de todos os movimentos literários fez com que o Brasil alcançasse uma literatura totalmente brasileira, com sua consolidação, houve então a necessidade de torná-la uma ferramenta de ensino. Com a afirmação da literatura brasileira, o ensino passou a contemplar o nacionalismo favorecendo os escritores brasileiros

Conforme nos afirma Zilberman (2008, p. 13) que a discussão acerca da importância de se trabalhar com literatura na escola iniciou-se entre os anos 70 para os anos 80, década esta que houve uma grande discussão com o intuito de reforma na educação uma vez que o modelo vigente não apresentava resultados satisfatórios. “A literatura encarnava a utopia de uma escola renovada e eficiente, de que resultavam a aprendizagem do aluno e a gratificação profissional do professor”.

O ensino no Brasil passou por várias reformas até chegar na primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1961 que estabelecia a estrutura do ensino primário em 4 anos podendo estender-se até 6 anos de duração e do ginásio com duração de 4 anos, o currículo escolar era composto por “Leitura e linguagem oral e escrita; Aritmética; Geografia e História do Brasil; Ciências; Desenho; Canto orfeônico e Educação Física” (WEREBE, 1970, p.87).

Com adequação da segunda Lei de Diretrizes e Bases, Lei 5692/71 promulgada em 11 de agosto de 1971 pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, tinha como objetivo uma educação mais articulada dos níveis de ensino, um conhecimento teórico e prático mais eficiente para as necessidades do mercado de trabalho e de um ensino de qualidade. Conforme PEREIRA (2007):

(...) A nova forma de ensino determinada pela lei nº5692/71, representou, antes de tudo, uma tentativa de transformar um sistema emperrado de ensino, num organismo integrado e flexível, capaz de habilitar os indivíduos a viverem numa nação em processo de desenvolvimento, participando amplamente deste processo (JULIA PEREIRA, 2007).

Após essas decorrentes mudanças na Lei de Diretrizes e Bases a literatura passou a ser inserida na prática discursiva de leitura, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNs) com a pedagogia da competência, que a leitura de textos literários volta-se para o desenvolvimento de pensamento crítico e à percepção estética.

Diante dessas modificações ocorrentes no Ensino, atualmente a literatura passou a ser uma disciplina integrada a matéria de Língua Portuguesa, presente na Base Nacional Comum

Curricular (BNCC). A Leitura está no Campo Artístico – Literário, que vai da habilidade (EM13LP45) até à (EM13LP53).

2.2 LEITURA

A leitura está presente na vida do indivíduo desde o surgimento da escrita, com o passar dos anos passou a ser desenvolvida na escola, com o intuito apenas de transmitir um padrão linguístico. Porém, com as transformações ocorrente no meio educacional, a leitura sucede com o objetivo de formar leitores, remete-se a necessidade de compreender “a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de experiências única com texto literário” (ZILBERMAN, 2008, p. 16).

O modelo ideal para ser oferecido às crianças seria um ensino de literatura que se fundamentasse na leitura em uma prática dialógica, que a partir das suas experiências de leitura o sujeito abrirá seus horizontes, tendo capacidade de se posicionar, agir e expor suas opiniões em busca de seus direitos.

Desta forma, Danielle Brito (2010, p. 1) ressalta que o cidadão se tornará um sujeito crítico através da leitura e que sua prática pode ser entendida como uma construção social que lhe permite ter consciência de todos seus direitos como também deveres:

[...] é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles (BRITO, 2010, p. 1).

Segundo Vera Aguiar e Maria da Glória Bordini (1988) Um dos instrumentos mais importantes que expressam o conteúdo de forma humano individual e social é o livro. Somente através da leitura o indivíduo é capaz de compreender seu papel social e sua realidade, esse entendimento se deve aos textos e principalmente os literários que têm a possibilidade de recriar os pensamentos diante da sociedade, apresentando ao leitor sujeitos, épocas e estilos de outros séculos. Seguindo essa mesma linha de raciocínio Larrosa (2000), afirma que “ler é ter o poder de descobrir coisas jamais contempladas antes, é submeter-se ao teor ceder-se a ele, e não apenas usá-lo para fins obrigatórios”.

É importante ressaltar que o hábito da leitura deve ser influenciado pelos pais, escola e professores, para que futuramente esses sujeitos leitores saiam com prazer de ler, e não somente sabendo transformar símbolos e gráficos, conforme Alves (2008):

[...] de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam na

importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. As escolas produzem, anualmente, milhares de pessoas com habilidade de ler, mas que, vida a fora, não vão ler um livro sequer. Acredito piamente no dito do evangelho: “No princípio está a Palavra...” É pela palavra que se entra no mundo humano (ALVES, 2008, p. 61).

Portanto, o prazer pela leitura deve ser desenvolvido principalmente nos primeiros anos de vida das crianças sendo papel dos pais e dos professores da alfabetização, pois é nessa época que o gosto pela leitura deve ser despertado nos alunos, que levará para o resto de sua vida. Assim ao chegar no Ensino Médio, não verá a literatura como uma disciplina sem graça e obrigatória, mas como algo satisfatório e prazeroso, contudo, o desenvolvimento de desejo de satisfação pela leitura deve ser trabalhado em conjunto, pais, alunos professor e escola.

2.3 O ENSINO DE LITERATURA: ESCOLA, PROFESSOR E ALUNO

O ensino da literatura no âmbito escolar ao longo dos anos vem sofrendo uma grande desvalorização e parte disso está sendo desencadeada pela escola, professor e aluno, pelo fato do processo educacional apresentar conteúdos superficiais, a escola não busca incentivar os alunos a sentirem desejo pela literatura, o professor que não adentra a fundo no mundo literário e alunos que não demonstram interesse pela disciplina, não buscam conhecimento fora da sala de aula, contentando-se apenas com aquilo que o professor repassa.

Assim, Silva (1993) defende que a escola tem como meta formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo, mas ressalva que na prática, no ambiente escolar a leitura muitas vezes é praticada tendo em vista o consumo rápido de textos, ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos torna-se atividades relegadas a segundo plano.

Para formação de leitores literários a escola tem o dever de apresentar uma estrutura adequada e equipada com livros Literários organizados conforme suas épocas, gêneros e autores, bem como professores leitores, levantando projetos e organizando evento em prol da literatura. Como concluem Maria da Glória Bordini e Vera Aguiar (1988, p. 17):

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor (BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 7).

A escola não deve ser um sistema singular, pois precisa dos professores para suceder a educação, não cabe somente a escola querer formar leitores literários, mas também ao professor que deve cumprir seu dever de incentivar e proporcionar proposta para que seus alunos despertem o gosto pela leitura.

O papel da escola se torna mais difícil se o professor não apresentar o hábito de leitura, e partindo desse pressuposto fica as seguintes questões: como um professor de Literatura vai apresentar uma obra se nem ele mesmo leu? E se for haver uma discussão, como que esse professor vai fazer o desfecho desse assunto com os alunos se ele não tem conhecimento da obra? Na maioria das vezes, há professores que o único contato que tem com o livro é através de resumos apresentado na internet. Como que o professor quer despertar no aluno esse costume de leitura e aprendizagem se nem o próprio desenvolve essa habilidade?

Assim Maria (2009) também traz sua reflexão a respeito do papel do professor leitor e não leitor:

[...] é necessário que o professor seja um leitor [...], um bom leitor. Que tenha uma rica bagagem de leitura. E aqui reside um dos grandes problemas da educação no país, acho que certamente o maior dos problemas: boa parte dos professores que saem das faculdades, formados nos cursos de letras ou pedagogia, ostenta um diploma de licenciatura, mas infelizmente não são leitores. [...] Enquanto os alunos-futuros-professores não construírem suas histórias de leitor, enquanto não enraizarem em suas vidas a leitura como prática emancipatória, a leitura como espaço de conhecimento e experiência, enquanto não se tornarem leitores autônomos, leitores plenos, pouca condição terá de formar leitores em suas salas de aula. Formar leitores deve ser prioridade, porque é uma questão estratégica para o desenvolvimento de um povo (MARIA, 2009, p. 160-161).

O professor deve ter uma carga significativa de leitura de obras literárias, pois os livros didáticos apresentam apenas fragmentos, sendo a obrigação do mesmo tentar reorganizar esses estilhaços, tendo o dever de instruir os alunos a formarem uma visão de mundo congruente a partir do mundo literário. É função do professor dá vida as páginas dos livros de literatura, fazendo uma ligação entre o sujeito e os textos, a escrita e a leitura, aluno e literatura, que deve apresentar diálogo e as dúvidas, que estão presentes no progresso de despertar o gosto do aluno pela leitura e a literatura. Conforme MAGNANI (1980):

Se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva. Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores. [...] seu principal papel é o de articular princípios e práticas. E isso significa que tudo que vem sendo e vai ser dito sobre a leitura da literatura precisa fazer parte da vida do professor. [...]

A formação e a transformação do gosto não se dão num passe de mágica. Com a escola – em que pesem as restrições de sua incompetência competente – concorrem todos os outros estímulos e desestímulos com os quais convivem professores e alunos

nas horas restantes do dia. [...] Cabe ao professor romper com o estabelecido, propor a busca e apontar o avanço. Para isso é preciso problematizar o conhecido, transformando-o num desafio que propicie o movimento (MAGNANI, 1980, p. 105).

Sendo que não é contundente pôr a culpa na desvalorização da literatura apenas na escola e no professor, pois parte desse sistema de aprendizagem não está vinculado somente entre eles, mas em um conjunto que está ligado entre escola, o professor e aluno. E muitos dos estudantes não apresentam interesse nos conteúdos, não buscam conhecimento fora da sala de aula, não questionam, assim nota-se que essa responsabilidade não é só do docente, mas também do aluno.

Segundo Lajolo (2008) os mesmos problemas de leitura e escrita que os professores enfrentam, os alunos também enfrentam:

Numa última perspectiva, o desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós – professores – também vivemos. Os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também. Mas, ao contrário de nós, os alunos não estão investidos de nada. E o bocejo que oferecem à nossa explicação sobre realismo fantástico de Incidente em Antares [...] é incômodo e subversivo porque sinaliza nossos impasses (LAJOLO, 2008, p. 16).

Desta forma, Zilberman (2008), ressalta que existem duas direções para os estudantes de Ensino Médio: terminalidade, que não ver a literatura com qualquer função prática para ajuda-lo profissionalmente e financeiramente e a continuidade que ver a literatura apenas como uma ponte para o ensino superior, pois nenhum desses dois estudantes ver ao certo a importância da literatura, para eles, ela só terá valor se optarem ao curso de Letras.

Lima (2012), afirma que o Ensino Médio apresenta um breve conteúdo literário, através de pequenos fragmentos de livros vinculados aos resumos, como se fosse possível através destes compreender a importância da literatura.

[...] o ensino médio cujo conteúdo programático para a literatura brasileira [...] é apresentado], tradicionalmente, através de uma resumida informação histórica; através de resumos de livros; através da condensação de obras insígnias da nossa literatura e que triunfa ao cotidiano escolar no melhor estilo [...] ou, ainda através do uso indiscriminado da crônica, como se fosse possível através desta compreender a magnitude de uma literatura, ou de um grande projeto literário [...] (LIMA, 2012, p. 44).

O vasto conteúdo apresentado nas aulas de Língua Portuguesa é consequência do professor tradicional que não busca inovar sua metodologia, sendo visto como único condutor de conhecimento e os alunos apenas como agentes passivos. Conforme afirma Lopes (2000) que:

[...] um domínio absoluto da situação de aula por parte do professor na aplicação dessa técnica de ensino. Deduz-se dessa caracterização a existência de uma relação unilateral: o professor como único detentor do saber e condutor exclusivo do processo de ensino. O aluno é referido apenas como o sujeito a quem a aula é dirigida (LOPES, 2000, p. 39-40).

O descaso apresentado na área educacional acontece por conta das aulas tradicionais repetitivas, padronizadas em rotinas. De acordo com SILVA (1993):

- a) abrir o livro didático na página tal e ler o texto ali colocado;
- b) responder, por escrito, as perguntas do questionário subsequente;
- c) fazer os exercícios gramaticais;
- d) escrever uma redação a partir do texto para a leitura e correção do professor (SILVA, 1993, pp. 38-39).

Neste sentido, para mudar esse cenário o professor tem que buscar recursos diferenciados, dinâmicos e inovadores, não utilizando apenas o que já vem pronto, pois é uma forma de aprendizagem tanto para o aluno quanto para o professor. De acordo com CASTELLAR (1999) isso só será possível se o docente:

[...] atuar no sentido de se apropriar de sua experiência, do conhecimento que tem para investir em sua emancipação e em seu desenvolvimento profissional, atuando efetivamente no desenvolvimento curricular e deixando de ser mero consumidor (CASTELLAR, 1999, p. 52).

Assim, o método dinâmico deveria ser obrigatório nas metodologias educacionais, pois sua utilização é capaz de facilitar a aprendizagem e superar o tradicional, Silva et al. (2012, p. 1) diz que “A utilização de variados recursos didáticos é uma importante ferramenta para facilitar a aprendizagem e superar lacunas deixadas pelo ensino tradicional.”

Diante dos fatores expostos percebe-se um desgaste da literatura como disciplina escolar, a sua desvalorização afeta diretamente na formação do aluno, uma vez que seu estudo é necessário para um conhecimento crítico, e nesse meio entra o papel da escola, do professor e do aluno, pois cada um apresenta uma função importante na construção do sujeito leitor, que só alcançará êxito se estiverem em harmonia.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho se caracteriza como um tipo de pesquisa quali-quantitativa que é a mistura da qualitativa e quantitativa, um método que estabelece uma análise e a investigação das interações humanas. Assim de acordo com KNECHTEL (2014) o termo quali-quantitativa é o método que “interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos

sujeitos (semântica)”. E bibliográfica porque consiste na coleta de informações a partir de textos, livros e artigos que foram utilizados para a fundamentação teórica desse estudo.

A coleta de dados foi obtida através de observação, conversas informais com os docentes, e a aplicação de um questionário direcionado para os alunos contendo dez perguntas incluindo abertas e fechadas. Com o objetivo principal de analisar a questão do ensino de Literatura realizado com alunos e professores das turmas de 2º médio e 3º médio, na Escola Estadual Duque de Caxias, localizada no município de Tabatinga-AM, Avenida Pernambuco, S/N, Vila Militar.

Tabela 01 – Dados dos entrevistados

ALUNOS		
	Turma A	Turma B
Idade	15 a 16 anos	18 a 29 anos
Série	2º Médio	3º Médio
Turno	Vespertino	Noturno
Número de alunos	14	17
PROFESSORES		
	Professora I	Professora II
Sexo	Feminino	Feminino
Tempo de magistério	11 anos	6 anos
Série na qual atua	2º Médio	3º Médio

Fonte: GOMES, A, B, 2021.

Para preservar a identidade dos participantes optou-se por não mencionar os nomes das professoras e dos alunos, para nomear as turmas, desta forma ficou “Turma A” (2º médio) e “Turma B” (3º médio), e para as professoras usamos números romanos como “I” e “II”. Através dos resultados desta coleta de dados, será feita a análise comparativa acerca do ensino das aulas de literatura.

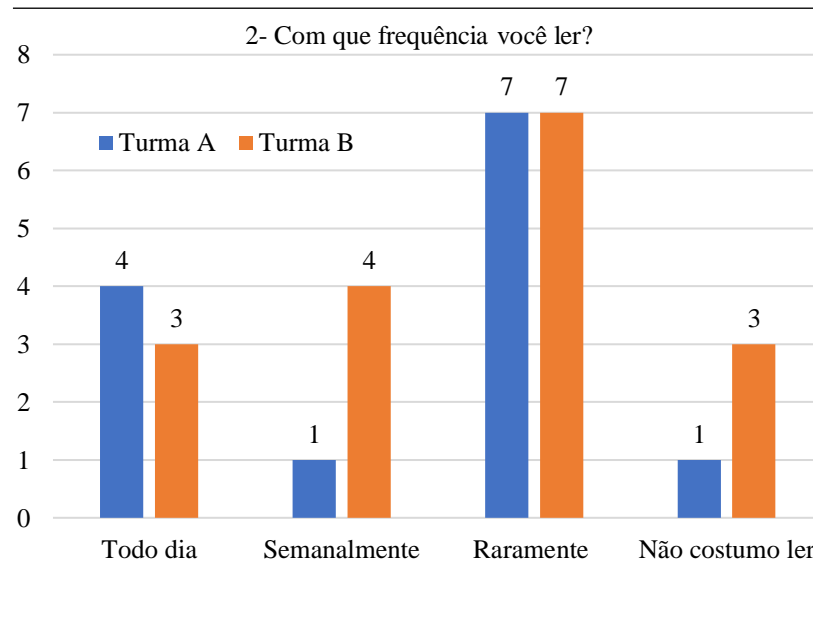
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os seguintes dados são resultados das respostas obtidas através do questionário que buscou entender o desenvolvimento do Ensino de Literatura nas turmas “A” e “B”, e verificar se há contraste entre as respostas dos alunos e dos professores, demonstrando observações que relatam se a escola incentiva ou não o desejo pela Literatura.

Na primeira pergunta do questionário, “*Na infância você foi incentivado a ler?*” buscou-se identificar se os alunos foram ou não incentivados a ler, uma vez que a leitura é importante para o desenvolvimento da criança, algo que nos primeiros momentos só pode ser cultivado através da família, seguindo essa linha de raciocínio KRIEGL (2002), ressalta que “leitura faz parte do desenvolvimento da criança, ela não deve ser vista como um ato obrigatório, o gosto pela leitura deve ser desenvolvido através do incentivo feito pelos adultos”.

Desta forma as turmas “A” e “B”, apresentaram índices elevados e satisfatórios, pois 100% da turma “A” responderam que “Sim”, foram incentivados pelos pais a ler e na “B” apenas um aluno respondeu que não teve nenhum incentivo na infância.

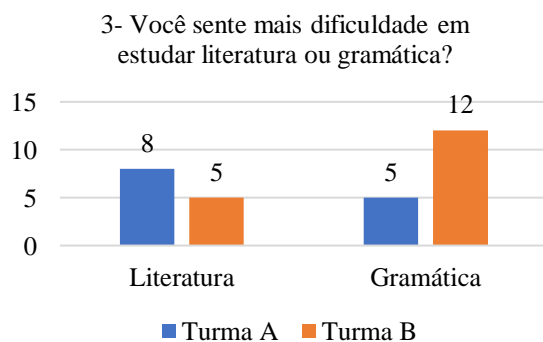
Gráfico 01- Índice do hábito de leitura dos alunos.



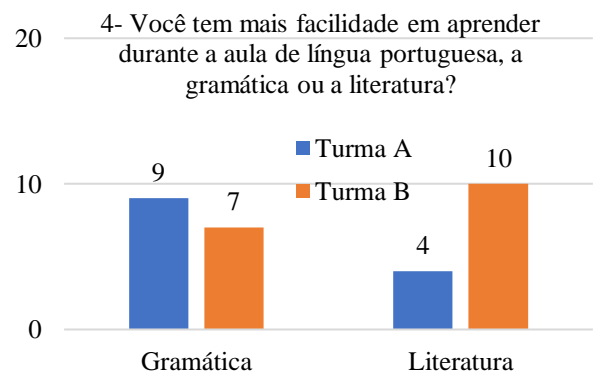
Fonte: GOMES, A, B, 2021.

A segunda pergunta ainda está voltada para leitura, pois acredita-se que para desfrutar da Literatura o sujeito tem que possuir o hábito de ler. O gráfico acima apresenta dados informativos sobre a frequência de leitura dos alunos, onde é possível perceber que os estudantes da turma “A” não costumam ler regularmente, pois somente 4 leem todo dia, e na turma “B” o nível é quase o mesmo. Números que causam aflição, pois alunos que não têm o hábito de leitura costumam não gostar de literatura por acharem os textos grandes, cansativos e por não compreenderem as palavras difíceis encontradas neles.

Gráfico 02 e 03 – A dificuldade e facilidade em aprender Literatura ou Gramática.



Fonte: GOMES, A, B, 2021.



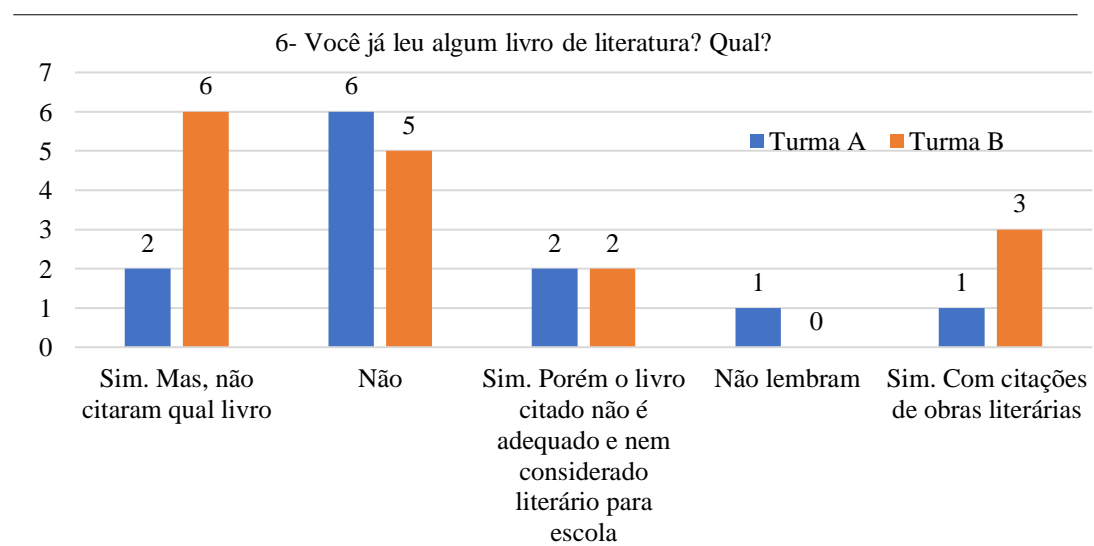
Fonte: GOMES, A, B, 2021.

Nos gráficos demonstrativos acima percebe-se que os alunos da turma “A” apresentam um grau elevado de dificuldades para aprender literatura, e da turma “B” o nível demonstrativo é maior em gramática. Mas, na pergunta 3 do questionário destinado a professora I “*Em qual área você acredita que os alunos demonstram mais interesse, gramática ou literatura?*”, a mesma da turma “A” acredita que seus alunos apresentam mais interesse pela Literatura, mas os mesmos afirmam que nesta matéria eles têm mais dificuldade, por outro lado, a professora “II” da turma “B” está em sintonia com seus estudantes, assim como eles, ela acredita que a turma demonstra maior gosto pela literatura.

Na pergunta fechada 5 “*Quando foi seu primeiro contato com a Literatura?*”, foi estabelecido quatro opções “*Ensino fundamental, ensino médio, com família e não lembra*”, nesta questão é notório que apenas (3) três alunos da turma “A” tiveram contato com a literatura no meio familiar, (6) seis deles no Ensino Fundamental e o restante não lembram. Na turma “B”, o nível de discentes que tiveram contato através da família é de (7) sete, (1) um no Ensino Fundamental, (5) cinco não lembram.

Conforme Lajolo (2012) “*É como disciplina escolar que um grande número de brasileiros têm os primeiros contatos com a literatura [...]*” assim é de conhecimento de todos que o contato com a literatura acontece logo no Ensino Fundamental, sendo mais intenso nos anos finais, porém na turma “B” (4) quatro alunos responderam que seu contato com a literatura só foi possível no Ensino Médio, questiona-se, se esses estudantes só souberam do termo literatura no E.M? Ou talvez no fundamental não lhe foi explicado o que seria literatura, ou simplesmente não prestaram atenção no momento do desenvolvimento do conteúdo que incluía a mesma. São várias as hipóteses possíveis que se pode levantar sobre esta questão.

Gráfico 04 – Índice da leitura de obras literárias dos alunos



Para melhor entendimento da questão 6 “*Você já leu algum livro de Literatura? Qual?*”, foi necessário a elaboração de dados em gráfico, pois a mesma apresenta pontos relevantes sobre o conhecimento dos alunos a respeito da leitura de obras literárias. Assim, com observação aos dados pode-se perceber que a noção que os discentes têm sobre obras literárias é muito vaga, a Turma “A” apresenta maior carência a respeito das leituras de obras literárias, 6 (seis) afirmam que ainda não leram nenhum livro de literatura, sendo que a Turma “B” apresenta quase o mesmo índice, o que surpreende, pois os estudantes finalistas não sabem citar o título e nem qual obra tiveram acesso, somente dois alunos da Turma “A” citaram obras literárias: “*O Menino do Pijama Listrado*” e “*A Hora da Estrela*” de Clarisse Lispector. E da Turma “B” 3 alunos mencionaram os seguintes livros: “*O Pequeno Príncipe*”, “*Lágrimas do Sol*” e “*O Cortiço*”.

Dois alunos de cada turma apresentaram livros que não são adequados e nem considerados literários para escola, como: *Variedade Linguística*, *After* e *Cinquenta Tons de Cinza*. Sendo que o segundo e o terceiro citados são considerados romance erótico para adultos, entretanto, o aluno não é obrigado a ler grandes obras literárias, pois toda leitura transmite ensinamento. De acordo com José Mindlin (2009, p. 17) “é irrelevante pensar que suas primeiras leituras tenham qualidade literária, considerando que a seleção de boas obras será desenvolvida com o tempo, o mais importante é que as pessoas adquiram o hábito de leitura”.

Porém, acredita-se que os alunos acima não estão realizando suas primeiras leituras, os mesmos são discentes do Ensino Médio, deveriam saber, citar e conhecer obras literárias, pelo menos duas ou mais. Desta forma, é necessário que a escola e principalmente os professores apresentem novos meios de trabalhar a leitura, não esquecendo os aspectos linguísticos e formais da língua que será necessário para a formação apta do sujeito em entender as entrelinhas e se tornar um leitor crítico.

Ao analisar as respostas dos alunos na sétima questão sobre “*Você tem interesse pelas aulas de literatura?*”, quase todos os estudantes responderam que “Sim”, incluindo 10 da Turma “A” e 13 da Turma “B”, no entanto, apesar da literatura fazer parte do ensino de Língua Portuguesa e ser fundamental e importante para a aprendizagem crítico social, alguns discentes responderam “Não”, sendo 3 da Turma “A” e 4 da Turma “B”.

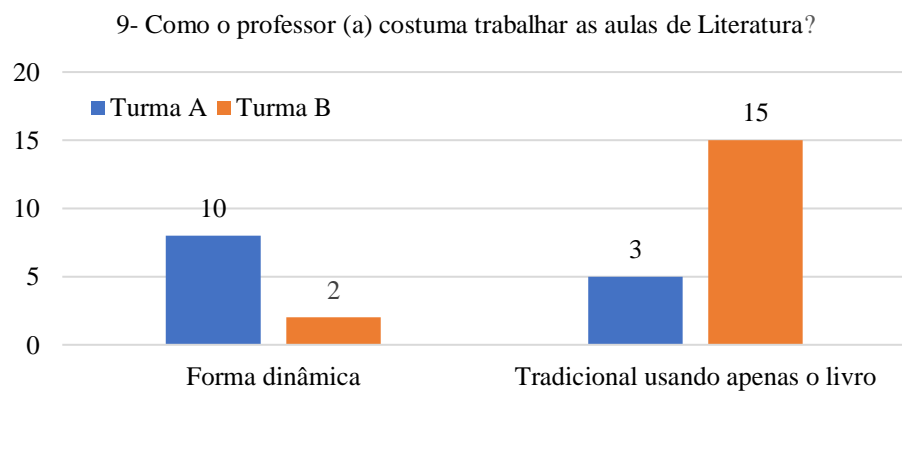
Tabela 02 – Qual sua opinião sobre as aulas de literatura?

	Muito boa	Importante	Entediante	Não gosto
TURMA A	2	10	1	0
TURMA B	1	14	2	0

Fonte: PEDROZA, G, M, 2021.

Na oitava questão vamos compreender como os alunos avaliam as aulas de literatura, assim de acordo com a tabela demonstrativa acima, percebe-se o nível de estudantes que acreditam na importância da aula de literatura é bastante elevado, todavia 3 alunos das duas turmas acham a mesma entediante. Mediante a estes resultados, conclui-se que os discentes sabem o valor das aulas literárias, mas suas atitudes e respostas anteriores demonstram ao contrário.

Gráfico 05 – Índice da metodologia de aula utilizada pelo professor



Fonte: GOMES, A, B, 2021.

Na questão 9 “*Como o professor costuma trabalhar as aulas de literatura?*”, de acordo com o gráfico podemos verificar a metodologia de aula utilizada pelas professoras. Na Turma “A”, 10 alunos responderam que a professora I, trabalha de forma dinâmica. Ao verificar sua resposta no questionário, a mesma afirmou que: “*utilizo vários meios e fontes de pesquisa, trabalho com músicas que possuam as características do movimento, por exemplo*”, se observarmos as respostas dos entrevistados percebe-se que elas se encontram em harmonia, estando interligadas. Assim, é importante ressaltar que a primeira professora (I) tem 11 anos de magistério e se identifica mais com a área de Literatura. Desta forma, é notório que a docente busca novos meios de trabalhar suas aulas, utilizando a tecnologia, a música, recursos que despertam a atenção de seus alunos.

Por outro lado, 15 alunos da Turma “B” responderam que a professora II trabalha de forma tradicional, em seu questionário a mesma respondeu: “*Busco outros meios, como filmes, documentários...*”. Mas, sua turma demonstra em suas respostas que ela utiliza apenas o livro didático com aulas tradicionais, sendo que a docente tem 6 anos de magistério, e gosta mais de Literatura, porém na questão 4, pode-se dizer que as aulas tradicionais da professora estejam dando certo, já que nesta questão seus alunos afirmam que nos horários de Língua Portuguesa eles tem mais facilidade em aprender Literatura, contudo é necessário ressaltar que nesta turma

os discentes são mais velhos tendo a faixa etária de 18 a 29 anos, diferente da Turma “A” que estão entre 15 a 16 anos, assim não se pode julgar a forma que é desenvolvida as aulas dos professores, se é tradicional ou dinâmica, pois o importante é a aprendizagem.

Nenhum aluno aprende da mesma maneira, para uns é mais fácil, e para outros difícil, da mesma forma é para os professores e suas turmas, não se apegando apenas as aulas tradicionais, se o método não está funcionando é imprescindível que busque novas formas de trabalhar o conteúdo. Conforme Connel (2010, p. 179):

Não precisamos de um retrato do “bom professor” no singular, mas retratos de “bons professores” no plural e do “bom ensino” no sentido coletivo. Precisamos de modelos de formação de professores que promovam práticas de ensino criativas, diversificadas e justas em um futuro educacional que almejamos como diferente do passado. (CONNELL, 2010, p. 179)

A última pergunta do questionário “*De que modo você gostaria que as aulas de Literatura fossem desenvolvidas?*”, foi uma pergunta aberta, nas respostas observou-se a dificuldade dos alunos em explicar como gostariam que fossem administradas as aulas de Literatura. O empecilho foi tão amplo que os discentes não conseguiram expor o que queria desta forma escolhemos 2 respostas da Turma “A” e “B”, as demais respostas foram apenas com a palavra (dinâmica) e vagas.

Tabela 03 – Respostas dos alunos

De que modo você gostaria que as aulas de Literatura fossem desenvolvidas?	
Turma A	Turma B
<i>“Com mais dinâmicas, fazer bastante leitura de livros que são importantes para o gênero da Literatura e com brincadeiras que envolvam isso também”.</i>	<i>“Com perguntas, palestras, apresentações, humor e lendo e vendo, pesquisando sobre a vida de artistas, poetas, escritores, comediantes etc”.</i>
<i>“Através de dinâmicas, na minha opinião seria um grande incentivo para que as pessoas se interessassem mais”.</i>	<i>“Eu queria que elas fossem mais dinâmica e que aconteçam mais vezes durante as aulas”.</i>

Fonte: GOMES, A, B, 2021.

Todos os alunos da Turma “A” responderam que gostariam das aulas mais dinimizadas, conforme a tabela acima o aluno da Turma “A” acredita que as aulas dinâmicas fazem os estudantes sentirem mais interesse pela matéria. Os discentes da Turma “B” demonstram bastante interesse pelas aulas dinâmicas, mesmo aprendendo com os métodos tradicionais, conforme mostra a questão 4 e 9, é notório que eles almejam por métodos diferentes e criativos, desejam que as aulas de Literatura aconteçam mais frequentemente.

Nas conversas informais com os alunos e professores, foi possível identificar se a escola incentiva ou não o gosto pela leitura literária. Assim, percebeu-se que a mesma promove eventos culturais, como “A Feira de Ciências” que é aberto para toda comunidade escolar, os

alunos têm a oportunidade de mostrar seus talentos nas diversas áreas de ensino, ressaltando que cada ano esse evento tem um tema diferente, em 2015 foi destacado o seguinte título “A Maravilhosa Arte de Escrever”, frisando a Língua Portuguesa na escrita e na leitura, um dos eventos mais apreciados e importantes para os alunos, a escola busca vários meios de envolver os discentes a leitura literária, mas observou-se que o interesse dos alunos por este movimento é por conta da nota no final do semestre e não pelo desejo de aprender. A biblioteca possui poucos livros, sendo que este problema não é ocasionado pela falta de interesse da escola, mas pela escassez de material que o governo não soluciona.

Ao discutir sobre os dados, percebeu-se que os alunos não carregam consigo uma boa bagagem literária, seus interesses não estão focados na aprendizagem, mas em concluir seus estudos, e isso não é culpa do professor ou da escola, os mesmos buscam vários meios de incluir na vida dos estudantes o gosto pela Literatura, pois sabem sua importância na vida do sujeito, conforme PESAVENTO (2004, p. 82-83) “através do estudo desta disciplina podemos ter conhecimento dos costumes de uma determinada época e também o modo como as pessoas pensavam sobre o mundo ao seu redor, tornando possível que se percebam sensibilidades, valores, perfis”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da seguinte pesquisa possibilitou a análise de como é desenvolvida e trabalhada a literatura no Ensino Médio na Escola Estadual Duque de Caxias, e como seus resultados podem contribuir para a melhoria do desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa. Assim foram analisados fatores que envolvem a leitura, o conhecimento dos alunos a respeito das obras literárias, a metodologia utilizada pelas professoras: tradicional ou dinâmica. E quais meios de incentivo a escola estabelece para despertar o gosto literário nos alunos.

Sabe-se que esta pesquisa surgiu ao observar as dificuldades dos alunos do Ensino Fundamental, não gostavam de literatura e nem de ler, não sabiam pronunciar as palavras encontradas nos livros, as aulas da professora eram repetitivas e tradicionais. Ao se pensar que futuramente esses alunos estariam no Ensino Médio e poderiam ser discentes dos futuros professores formados da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) preocupou-se em buscar compreender como era desenvolvidas as aulas de literatura no EM. Desta forma, esta pesquisa pode mudar o cenário educacional atual, trazendo melhoria não apenas para as séries finais, mas também ao Ensino Fundamental, os docentes que tiverem acesso a este estudo poderão perceber que se a literatura ocupar um lugar importante na vida do estudante nas séries iniciais

é de praxe que este aluno chegará nas últimas etapas gostando de ler livros literários, sendo um sujeito crítico e construtivo.

Com as observações, conversas informais e o questionário de perguntas abertas e fechadas foi possível alcançar resultados que mostram as aulas de Literatura no Ensino Médio acontecem poucas vezes, os alunos não gostam de ler, afirmam que da disciplina de Língua Portuguesa gostam mais de Literatura, mas apresentam dificuldades de interpretação, escrever, posicionar-se e não têm conhecimento sobre obras literárias. Os métodos das professoras rodeiam entre dinâmico e tradicional, porém as turmas não apresentaram hipótese negativa sobre as mesmas, percebeu-se que as metodologias utilizadas por elas não estão alcançando níveis elevados, pois nas questões do questionário é notório a dificuldade dos alunos em citar obras, em posicionar-se e escrever. A escola faz grandes eventos para nutrir o gosto dos alunos em literatura, mas os mesmos estão focados no aprendizado e sim na nota alta no fim do semestre, a biblioteca é organizada, mas não se encontra um elevado número de acesso por parte dos alunos.

Ao concluir este estudo afirma-se que todos os objetivos foram alcançados e todas as perguntas foram respondidas. Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para a melhoria educacional do ensino de literatura, uma vez que esta disciplina é fundamental para o sentido humanizador do aluno, com ela pode-se aprender costumes, estéticas e viajar a determinada época “[...] há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar.” (CALVINO, 1990, p.11).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor* – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é Base. Brasília, MEC/ CONSED/ UNDIME, 2017.

BRASIL. *Lei nº5692*, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. MEC. Ensino de 1º e 2º grau.

BRITO, Danielle Santos de. *A importância da leitura na formação social do indivíduo*. Revela, ano IV, n. 8, p. 1-35, jun. 2010.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. I. Barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLAR, S. M. V. **A formação de professores e o ensino de geografia**. Terra Livre, São Paulo, n. 14, p. 51-59, 1999.

CONNELL, Raewyn. **Bons professores em um terreno perigoso: rumo a uma nova visão da qualidade e do profissionalismo**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. Especial, p. 165-184, 2010.

GUIMARÃES, F. Marques (org.). **Dicionário Brasileiro Globo**. 16. ed. -. Rio de Janeiro: Globo, 1990.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

KRIEGL, Maria Lourdes de Souza. **Leitura: um desafio sempre atual**. Revista PEC, Curitiba. 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática; 2008.

LAJOLO, Marisa. *Leitura e literatura: direito, dever ou prazer?* In: LIMA, Aldo de. (org.) O direito a literatura. Recife: Universitária da UFPE, 2012.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia**. 6ª ed. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2002.

LIMA, Aldo. **O ensino de literatura e a pedagogia do digesto**. In: LIMA, Aldo de. (org.) O direito a literatura. Recife: Universitária da UFPE, 2012.

LOPES, Antonia Osima. **Aula expositiva: superando o tradicional**. In: VEIGA, Ilma Passos de Alecandro (Org.) *Técnicas de ensino: por que não?* Campinas: Papyrus, 2000. 11ª edição.

MAGNANI, M. R. M. **Literatura e educação em Cecília Meireles**. 8 fls. Trabalho final da disciplina “Evolução da educação brasileira” – professor Casemiro dos Reis Filho – Mestrado em Educação – FE-UNICAMP. Campinas, 1980 (datilog).

MARIA, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?** São Paulo: Globo, 2009.

MINDLIN, José. *No mundo dos livros*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

PEREIRA, **Julia de Santa Maria**. 14 de fevereiro de 2007. Entrevista concedida à Vanessa Queirós.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 2 ed.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de pedagogia e leitura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, M. A. S. et al. **Utilização de Recursos Didáticos no processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais em turmas de 8º e 9º anos de uma Escola Pública de Teresina no Piauí.** In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, 7, Palmas, 2012 Anais do VII CONNEPI.

WEREBE, Maria José Garcia. **30 Anos Depois: Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil.** São Paulo, Ática, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **Precisamos falar sobre o ensino.** In: XIV Encontro da ABRALIC. Belém: Universidade Federal do Pará, 2008.